

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (12.: 2014: São Paulo)

Anais da XII JORNADA APOIAR: A CLÍNICA SOCIAL - PROPOSTAS, PESQUISAS E INTERVENÇÕES realizada em 5 de Dezembro de 2014 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2014

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-59-9

1. 1 1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Direitos Humanos

4. Clínica I. Título.

RC467

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-86736-59-9



RACISMO NA MPB: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

RAFAEL AIELLO-FERNANDES

NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS

RAQUEL DUARTE MOURA SILVA

THAÍS SALGUEIRO LEÃO

TANIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar considerações preliminares sobre a etapa inicial de uma pesquisa que consiste em estudar o racismo na música popular brasileira. Justifica-se, de um lado, pela importância do fenômeno do racismo, cuja presença no imaginário coletivo brasileiro, hoje reconhecida, provoca sofrimentos emocionais em indivíduos e coletivos e, de outro, pelo fato da música popular corresponder a uma forma de manifestação cultural e artística que tende a se configurar, em nosso país, como canal privilegiado na expressão da dramática do viver das camadas mais desfavorecidas. Organiza-se metodologicamente a partir do estudo psicanalítico de um conjunto de composições, que integram os álbuns “Petrobrás II- Maldito Vírgula” e “Isso Vai Dar Repercussão”, de autoria de Itamar Assumpção, figura proeminente do movimento cultural conhecido como Vanguarda Paulista ou Paulistana. As faixas dos álbuns foram escutadas em estado de atenção flutuante, em busca de manifestações sobre o “ser negro”, tendo em vista a produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Até o momento, foram produzidos interpretativamente dois campos de sentido afetivo emocional: “Pura Mistura” e “Culturalmente Confuso”. O trabalho prosseguirá por meio do estabelecimento de interlocuções reflexivas sobre tais achados, mantendo, como horizonte, a consideração das eventuais vinculações entre o “ser negro” e o racismo.

Palavras-chave: racismo, imaginários coletivos, musica popular brasileira, pesquisa com o método psicanalítico

Um Breve Panorama do Racismo no Brasil

A problemática do racismo contra negros no Brasil se configura como um campo complexo que, com o progressivo reconhecimento de que o país não está livre do problema do preconceito racial, vem demandando cada vez mais a atenção da comunidade acadêmica, do poder público e da sociedade civil como um todo. É dentro deste contexto que abordaremos de modo preliminar essa temática, visando delinear questões necessárias para o seu estudo. Focaremos, especificamente, as possíveis contribuições que a psicanálise, quando entendida como saber que se fundamenta no estudo da experiência emocional do ser humano, pode oferecer para elucidar as dimensões emocionais envolvidas no problema. O estudo de imaginários coletivos, concebidos como condutas que emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, deve ser aqui valorizado, na medida em que se constituem como ambientes vivenciais, que, parafraseando Winnicott (1965) podem ser compreendidos como um lugar em que vivemos.

Consideramos fundamental entender que o racismo se configura como uma realidade multifacetada, que envolve fatores históricos, econômicos, geopolíticos, institucionais, culturais e psicológicos, estreitamente ligados à expansão ultramarina da civilização europeia a partir do século XV e à formação de sociedades coloniais. Sua abordagem, portanto, requer uma adequada consideração de tal complexidade, o que nos leva à necessidade de dialogarmos com outros campos de conhecimento, a fim de bem colocarmos o problema.

É importante destacar a singularidade da questão do racismo no Brasil. Como se sabe, este país foi o que recebeu o maior contingente de africanos escravizados nas Américas (Alencastro, 2010). Desde o século XIX, com a independência de Portugal, o lugar do negro na nação se transformou em uma preocupação da elite e dos intelectuais ligados a ela, o que se intensificou com a abolição da escravidão em 1888. Em um primeiro momento, a intelectualidade aderiu às teorias do racismo científico, buscando “embranquecer” o país tanto cultural como demograficamente, através da imigração de mão de obra europeia (Scharwcz, 1994; Hofsbauer, 2003). Posteriormente, na década de 1930, a obra de Gilberto Freyre (2006), escrita no período em que as antigas teorias racistas já estavam sendo superadas por interpretações mais centradas na cultura do que na biologia, forneceu as bases para a interpretação de que a miscigenação das populações que constituíram o Brasil teria impedido que o racismo se formasse no país.

Sua obra ofereceu bases para que se pensasse o Brasil como uma “democracia racial”, onde o preconceito de cor não existiria.

Tal visão exerceu grande influência no imaginário nacional. Foi apenas a partir da década de 1950, e com maior intensidade a partir de 1970, que tal teoria passou a ser seriamente questionada. Novos estudos mostraram que a hierarquia social no Brasil era também pautada em critérios de cor e que o racismo seria um fator que impediria o exercício pleno de cidadania da população negra. No entanto, ainda levaria algumas décadas para que tais investigações fossem assimiladas no debate público, de modo que foi somente durante as preparações para a Conferência de Durban, em 2001, que os movimentos negros e os intelectuais brasileiros conseguiram que o governo federal reconhecesse oficialmente que o Brasil sofre com o problema do racismo (Skidmore, 1991; Andrews 1997; Guimarães, 2004). Desde então, adentramos em uma nova fase, na qual as autoridades passaram a manifestar a disposição de, efetivamente, criar mecanismos de “discriminação positiva”, com o intuito de combater o preconceito racial. Do lado acadêmico, a questão do racismo também ganhou nova relevância e destaque.

Cabe destacar, no entanto, que historicamente a psicologia e a psicanálise no Brasil não abordaram o tema com a mesma densidade das outras ciências sociais, especialmente a sociologia e a antropologia que, a partir de suas respectivas abordagens conceituais, chamaram a atenção para as especificidades da questão no contexto brasileiro. Atualmente é amplamente aceito que não exista o racismo em si, mas diversas formas de expressão deste fenômeno, em estreita vinculação com contextos específicos, e essas disciplinas buscam justamente analisar as particularidades do racismo à brasileira. Tendo isso em mente, acreditamos ser necessário desenvolver um enfoque adequado, considerado as suas dimensões epistemológicas e metodológicas, para o estudo dos efeitos do racismo na subjetividade, no caso a brasileira, pensando em como a psicanálise pode contribuir para a discussão. Há diversos caminhos para a realização de pesquisas empíricas sobre o racismo a partir do uso do método psicanalítico. Neste momento, escolhemos a abordagem da música popular como fenômeno cultural, por meio do qual a dramática do viver pode ser expressa.

Quando abordamos os sofrimentos gerados pelo racismo, um dos interlocutores fundamentais é Frantz Fanon (2008) que, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, chama atenção para a necessidade de se realizar um sócio-diagnóstico do problema do racismo, argumentando que esse não pode ser entendido fora de suas conexões com as

realidades econômicas e políticas e de sua relação com a temporalidade. Partindo da psicanálise, afirma que é necessário, para estudar o problema do racismo, acrescentar o estudo de sua sócio-gênese à originalidade de Freud em relação ao saber de seu tempo, ou seja, à tomada de consideração da dimensão ontogenética na explicação das psicopatologias. Com isso, Fanon (2008) abre a possibilidade para o estudo dos impactos das expressões existenciais da colonialidade na experiência vivida, articulando-as com a realidade social e histórica. A partir de então, analisa diversos aspectos da experiência emocional em um contexto no qual o racismo contra o negro gera efeitos devastadores de despersonalização, subalternização e invisibilização do corpo e subjetividades negras. Isto culmina na produção social de um complexo de inferioridade com o objetivo de perpetuar as relações de poder e dominação, ligadas ao lugar em que o negro foi colocado na modernidade pela violência do escravismo, da expansão imperial das nações colonizadoras e das construções discursivas justificadoras da dominação dos povos nomeados como “de cor”.

Tal compreensão permite a Fanon (2008) analisar como as relações de poder se expressam nas dimensões mais sutis e pessoais da existência daquele que é alvo de racismo, desde a linguagem e as relações amorosas até os sonhos e a relação com os outros. De particular importância consideramos o capítulo *A Experiência Vivida do Negro*, onde, fazendo um itinerário de sua própria experiência pessoal, mostra como o racismo o atacou em sua própria estrutura ontológica, perturbando sua relação com o próprio corpo e com a própria racionalidade. Evidencia-se, então, como o processo de psicopatologização que afeta aquele que sofre o racismo se liga a um contexto amplo, impossível de ser reduzido a uma dimensão intrapsíquica ou de mera desadaptação individual. O autor, portanto, mostra como as “lendas, histórias, a história e, sobretudo, a historicidade”, bem como estereótipos e mitos, imputados como essência do povo negro pelos discursos coloniais, – a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, a mentalidade primitiva etc. – atacam-lhe as estruturas mais íntimas do existir.

Sabemos que o racismo contemporâneo não se expressa necessariamente de modo aberto e explícito, podendo lançar mão de modalidades extremamente sutis de concretização. Entretanto, sua maior ou menor visibilidade certamente não significa que movimentos no sentido de verdadeira superação estejam ocorrendo, pelo contrário. Sendo assim, parece-nos importante tanto a realização de pesquisas empíricas qualitativas, como o uso de métodos investigativos dotados de condições de acesso ao

que pode estar encoberto.

O Racismo como Drama

Consideramos ser fecundo articular essas proposições de Fanon (2008) com o referencial de uma psicanálise intersubjetiva concreta, inspirada na obra do psicanalista argentino José Bleger (1958; 1963). Acreditamos que este último, a partir de sua leitura de Geoges Politzer (1928), faz justiça à necessidade de retorno à concretude da experiência na psicanálise, compreendendo toda manifestação humana como conduta, ou seja, em sua totalidade significativa, que tem sempre um caráter social e vincular. A crítica de Politzer (1928) aos fundamentos da psicanálise, retomada por Bleger (1958; 1963), centrou-se justamente em denunciar os procedimentos intelectuais – realismo, abstracionismo, formalismo – que transformam os acontecimentos dramáticos da vida dos sujeitos em coisas ou forças impessoais, em processos despersonalizados, convertidos em entidades metafísicas e objetificadas na forma de um aparelho psíquico concebido em termos energéticos e pulsionais. Contra tal concepção, Politzer (1928) preconizou um retorno ao concreto das descobertas freudianas, chamando a atenção para a importância de se estudar o “fato psicológico em primeira pessoa”, ou seja, o drama.

Em meados do século XX, Bleger (1958; 1963) retomou as críticas e proposições politzerianas, compreendendo as manifestações humanas como condutas dramáticas concretas. Deste modo, veio a forjar um modo de estudar a experiência emocional do racismo em um registro que faz justiça à sua materialidade e vinculação com condições sócio-políticas. De acordo com Bleger (1958; 1963), a conduta corresponde a manifestações humanas que se expressam, sempre e simultaneamente, em três áreas: mental, corporal e de atuação no mundo externo. A qualificação de uma conduta como pertencente a algum destes três campos seria dada, então, pela predominância de algum deles em dado momento. No que se refere à amplitude do fenômeno a ser estudado, a conduta poderia ser compreendida em três âmbitos: o do indivíduo, o do grupo e o de instituições, como práticas ou normas. Finalmente, a conduta humana deveria ser considerada como emergente de campos relacionais, que se inserem e são produzidos em contextos ou conjunturas sociais, geopolíticas, históricas e culturais precisas. Segundo esta ótica, caberia distinguir três subestruturas nos campos da conduta: o

ambiente ou subcampo geográfico, que corresponde, praticamente, ao que pode ser percebido por um observador relativamente externo ao acontecer em pauta; o subcampo psicológico, que abrange as experiências vividas e, finalmente, o campo da consciência, que consiste nas experiências que são conscientemente percebidas num certo momento.

Articulamos essas reflexões com as formulações de Fábio Herrmann (1979) de que a psicanálise consiste, essencialmente, em um método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos afetivo-emocionais e defendemos que a dimensão metodológica da psicanálise tem primazia sobre a doutrinária. Ou seja, utilizamos a psicanálise essencialmente enquanto método investigativo, e não como corpo teórico rígido e já estabelecido definitivamente, buscando explorar seu potencial heurístico para a produção de estudos interpretativos e compreensivos sobre o substrato afetivo-emocional subjacente às manifestações humanas. Com isso, buscamos compreender a psicanálise em suas potencialidades concretas, sem aderirmos às formulações especulativas metapsicológicas. Em suma, com Politzer (1928) e Bleger (1958; 1963), compreendemos que o pressuposto fundamental, sobre o qual o método psicanalítico se assenta, é o de que toda conduta humana é atravessada por múltiplos sentidos que emergem a partir das experiências concretas de vida das pessoas e coletivos humanos. Buscamos, assim, teorizar de modo maximamente próximo ao acontecer humano, considerando para tanto ser essencial mantermo-nos próximos da experiência emocional.

Imaginários Coletivos na Música Popular Brasileira

Partindo, portanto, de uma visão psicanalítica que reconhece a importância das condições concretas de existência no modo como a vida pode ser experimentada, temos nos interessado em produzir conhecimento sobre uma dimensão fundamental do ambiente humano, que são, precisamente, os mundos imaginários que habitamos. Tais mundos podem ser acessados por diferentes vias, umas das quais é o estudo de produções culturais, tais como aquelas que fazem parte da chamada música popular brasileira.

Em uma série de pesquisas que realizamos a partir da defesa de nossa tese de livre docência (Aiello-Vaisberg, 1999), temos desenvolvido uma série de investigações

acerca de imaginário coletivos, concebidos como condutas (Aiello- Vaisberg & Machado, 2008), a partir da perspectiva concreta proposta por Politzer (1928), que veio a ser vivamente difundida, na América Latina, por José Bleger (1958;1963). Tais pesquisas têm gerado mestrados e doutorados, a partir dos quais temos publicado artigos em diferentes periódicos científicos (Barreto e Aiello- Vaisberg, 2007; Couto, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Aiello-Vaisberg et al, 2008a, Aiello-Vaisberg et al, 2008b, Aiello-Vaisberg et al, 2008c; Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Russo, Couto & Aiello- Vaisberg, 2009; Martins & Aiello-Vaisberg, 2009; Martins & Aiello-Vaisberg, 2010; Barcelos, Tachibana & Aiello- Vaisberg, 2010; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Montezi et al 2011a, Montezi et al 2012b; Pontes et al, 2008a; Pontes et al, 2010b; Fialho et al, 2012; Granato & Aiello-Vaisberg, 2013).

Como sabemos, muitas escolas psicológicas, inclusive psicanalíticas, pensam a conduta como derivada de modificações internas, de caráter psíquico ou mental. No contexto psicanalítico, este tipo de abordagem tem sido reconhecida como tributária de um modelo denominado pulsional/relacional (Greenberg e Mitchell, 1984). A este se contrapõe outro modo de considerar as manifestações humanas, ao qual a psicologia concreta adere, de acordo com o qual experiência vivida, como conduta, emerge a partir de campos relacionais, que são substratos afetivo-emocionais não conscientes. Em outros termos, emergem de um fundo comum que existe *entre* pessoas e não a partir da interioridade psíquica individual. Toda conduta seria, assim, modo de habitar, dramaticamente, mundos ou ambientes “psicológicos” humanamente produzidos. Tais campos ganham forma a partir de atos puramente humanos, de modo que não derivam da interferência de outras forças, quer impessoais, no sentido de registros biológicos, genéticos ou físico-químicos, quer sobrenaturais, permanecendo como fenômenos essencialmente humanos.

De acordo com essa perspectiva teórico-conceitual, definimos experiência emocional como dimensão dramática da conduta de seres humanos, que não pode ser enunciada sem que, simultaneamente, estabeleçamos nossa compreensão acerca dos campos de sentido afetivo-emocional. Estes campos, produzidos por condutas, são o solo ou substrato a partir do qual novas condutas emergem, o que é muito diferente de pensar que nossos atos sejam “conduzidos” por nosso pensamento, consciente ou inconsciente. Insistimos, então, no fato de que conduta e campos de sentido afetivo-emocional são conceitos solidários, que não podem ser definidos de modo independente, sendo que sua

interdependência deriva do fato de serem, ambos, atos ou frutos de atos humanos (Machado & Aiello-Vaisberg, 2008).

Cabe, agora, voltar ao termo imaginário que, como sabemos, tem sido usado sob diferentes acepções em diversos contextos teóricos nas ciências humanas. Em nossa própria *démarche*, fiel às indicações blegerianas, forjamos o conceito de imaginários coletivos para pensá-los precisamente como condutas. Sendo assim, tanto são emergentes de campos como, por seu turno, tornam-se mundos, ambientes, campos, no contexto dos quais brotam novas condutas, novas mas não necessariamente diferentes.

Estudar imaginários coletivos, que se constituem como ambientes humanos, por meio da expressão de condutas imaginativas, a partir do uso de diferentes recursos dialógicos, tais como o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), tem-se revelado um modo fecundo de compreender os campos de sentido afetivo-emocional, que também podemos denominar inconscientes relativos (Herrmann, 1979), a partir dos quais emergem novas condutas. Quando, por exemplo, pedimos a enfermeiros psiquiátricos que desenhem um adolescente e inventem uma história sobre a figura desenhada (Pontes, 2011) podemos produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional, a partir dos quais podemos compreender os modos como tais profissionais lidam em seu cotidiano com situações tais como a de atender jovens enviados para tratamento a partir de ordens judiciais. Identificando, por meio de suas condutas imaginativas – seus imaginários coletivos – que expressam por meio de narrativas gráfico-verbais, que ambiente psicológico habitam estes enfermeiros, quando convivem com pacientes adolescentes, podemos planejar propostas interventivas que possam contribuir tanto para o cuidado dos adolescentes como para o cuidado do profissional de saúde. Neste tipo de pesquisa, partimos da solicitação de expressões imaginativas, para chegar aos campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emergem, porque aquilo que é imaginado cria e mantém campos. Assim, estamos lidando com um movimento que se caracteriza pelo fato daquilo que emerge se tornar o fundo a partir do qual, no momento seguinte, outro emergente surgirá, valendo lembrar que este movimento poder ter caráter conservativo ou inovador. De toda a forma, temos um movimento, um processo incessante de atividade humana. Assim, focalizar o imaginário como emergente ou como fundo depende de uma decisão do pesquisador, pois o imaginário, paradoxalmente, não só é fundo, mas também o que emerge.

Outra via por meio da qual podemos acessar imaginários coletivos é a do estudo

de produções culturais, tais como filmes ou música popular (Arós & Aiello- Vaisberg, 2009; Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2012a; Montezi et al, 2013c). Trata-se, neste caso, de estudar imaginários coletivos tais como surgem “nas” produções culturais. Usamos, nestas pesquisas, o mesmo método psicanalítico, o que nos tem permitido ampliar o âmbito de nossas conclusões, desde contextos grupais mais restritos para outros mais ampliados. Isso não significa, de modo algum, que estamos abandonando a psicologia em favor de outras ciências, como a sociologia ou antropologia, pois nossa preocupação segue rigorosamente o recorte que define a psicologia concreta, na medida em que mantém seu foco sobre na conduta enquanto experiência emocional de personalidades humanas, individuais ou coletivas.

No que tange especificamente ao uso de composições da música popular brasileira, que focalizamos anteriormente em trabalhos de iniciação científica (Oliveira & Aiello-Vaisberg, 2012; Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2012; Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2013a; Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2013b; Leão & Aiello-Vaisberg, 2013; Silva & Aiello-Vaisberg, 2013 e Corbett et al, 2012), temos optado por dois diferentes tipos de trabalho. Na primeira vertente, articulamos as produções com a possibilidade de, via *web*, ter conhecimento acerca do que é mais frequentemente buscado pelo internauta, o que evidencia um interesse inegável pela obra. Deste modo, podemos trabalhar com preferências populares (Oliveira & Aiello-Vaisberg, 2013; Leão & Aiello-Vaisberg, 2013; Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2013b e Silva & Aiello-Vaisberg, 2013). Na segunda vertente, temos nos dirigido a obras reconhecidas como, histórico, cultural e esteticamente significativas, tais como aquelas de Chico Buarque de Holanda e de Adoniran Barbosa (Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2013a; Oliveira & Aiello-Vaisberg, 2013) Estas duas vertentes, cada uma a seu modo, tem-se revelado terreno fecundo para o estudo de imaginários coletivos.

O presente trabalho pertence à segunda vertente de estudos. Neste caso, não focalizaremos preferências de internautas para, em lugar disso, interrogar uma produção reconhecidamente valiosa, em termos de criar/encontrar os campos de sentido afetivo emocional a partir dos quais emerge. Deve, contudo, estar claro que não pretendemos estudar os múltiplos sentidos que atravessam uma obra tão complexa, mas recortar um aspecto que corresponde ao nosso interesse de pesquisa: a questão do racismo. Isso não significa que buscaremos manifestações explícitas sobre racismo, já que tomamos outro caminho, inclusive por sabermos que o racismo à brasileira não se caracteriza como

fenômeno de visibilidade imediata. Assim, rastreamos as produções de Itamar Assumpção buscando aquelas que tematizam o “ser negro” que, evidentemente, pode surgir nas composições de modo associado ao reconhecimento e tomadas de posição frente ao racismo – ou não. Uma vez selecionadas as composições que tematizam o “ser negro”, procederemos ao trabalho de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos.

Estratégias Metodológicas

Na medida em que se trata de pesquisa qualitativa com método psicanalítico, voltada ao estudo de produções de música popular, este trabalho se organiza ao redor de dois tipos de procedimentos investigativos: procedimentos de seleção, exposição e interpretação do material artístico. Como se vê, não há necessidade de criar registros na medida em que letras e músicas podem ser facilmente acessadas e reproduzidas pela *web* ou outros meios.

No que diz respeito ao **procedimento investigativo de seleção do material**, cabe comunicar que o interesse pelo racismo nos conduziu à busca de um compositor da música popular brasileira afrodescendente, produtor de uma obra inovadora e esteticamente sofisticada. Certamente, deparamo-nos com algumas alternativas interessantes, tais como Jorge Benjor, Cartola, Gilberto Gil, Zé Keti, Lupicínio Rodrigues, Seu Jorge e tantos outros. A escolha de Itamar Assumpção se deu a partir de critérios que incluíram: 1) ser afro descendente; 2) apresentar uma obra extensa 3) ter participado de um movimento cultural e 4) ter tido a qualidade estética da obra reconhecida pela crítica musical. À luz de tais critérios, diminuimos nossa lista, que, contudo, ainda era integrada por uma pluralidade de nomes. Acrescentamos um quinto critério, relativo à vinculação direta e estreita com a cidade de São Paulo – que se liga ao fato de estarmos, em outra pesquisa, abordando a obra de Adoniran Barbosa, que é um ítalo-descendente criador do Charutinho, espécie de *alter-ego* negro. Chegamos, assim, ao nome de Itamar Assumpção (1949-2003) um dos mais importantes artistas da chamada Vanguarda Paulistana, que agitou o cenário cultural da cidade desde os anos setenta até o início dos anos noventa.

Partimos, a seguir, para uma seleção das músicas a abordar, movimento necessário dado o tamanho da obra, constituída por doze álbuns. Este acervo foi totalmente remasterizado em 2010 e lançado no mercado sob o título de *Caixa Preta de Itamar Assumpção*. A ideia de pesquisa é percorrer toda a discografia, sendo que optamos começar pelos álbuns “Petrobrás II- Isso Vai Dar Repercussão” e “Maldito Vírgula”.

O **procedimento investigativo de exposição ao material** ocorreu por meio de escutas sucessivas das composições integrantes dos dois álbuns escolhidos, em estado de atenção flutuante. Num segundo momento, procedemos a uma segunda seleção, privilegiando as composições que de algum modo tematizavam o “ser negro”.

Passamos, a seguir, ao **procedimento interpretativo de interpretação do material**, visando produzir conhecimento sobre os substratos afetivo-emocional a partir dos quais teriam emergido as obras, concebidas como condutas de acordo com a perspectiva blegeriana (Bleger,1963). Nesta fase, consideramos as produções que tematizaram o “ser negro” à luz das seguintes palavras de ordem metodológicas: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido” (Herrmann,1979). Deste modo, podemos chegar à “criação/encontro” de campos de sentido afetivo-emocionais ou inconscientes relativos.

Resultados Parciais

Constatamos que no total de vinte e uma composições, das quais sete integram o álbum “Petrobrás II- Isso Vai Dar Repercussão” e quatorze o álbum “Maldito Vírgula”, encontramos cinco tematizando o “ser negro”. Duas composições pertencem ao álbum “Petrobrás II- Isso Vai Dar Repercussão” e três ao álbum “Maldito Vírgula”.

As demais dezesseis composições versam sobre outros temas, tais como problemas de relacionamento com mulheres, saudades ou dificuldades derivadas da pobreza, entre outros.

Apresentamos abaixo as duas composições selecionadas do álbum “Petrobrás II- Isso Vai Dar Repercussão”, considerando que nossos primeiros achados, referentes

aos campos de sentido afetivo-emocional, fazem parte deste álbum.

“Cabelo Duro”

*Eu tenho cabelo duro
Mas não o miolo mole
Sou afro brasileiro puro
É mulata minha prole
Não vivo em cima do muro
Da canga meu som me abole
Desaforo eu não engulo
Comigo é o freguês que escolhe
Sushi com chuchu misturo
Quibebe com raviole
Chopp claro com escuro
Empada com rocambole
Tudo que é falso esconjuro
Seja flerte ou love story
Quanto a ter porto seguro
Tem sempre alguém que me acolhe
É com ervas que me curo
Caso algum tombo me esfole
Em se tratando de apuro
Meu pai Xangô me socorre*

(Disponível em: <http://letras.mus.br/itamar-assumpcao/272413/>)

“Aculturado”

*Culturalmente confuso
Brasileiro é aculturado
Líbio, libanês, árabe turco
Acha farinha do mesmo saco*

*Não saca croata, curdo
Não saca iugoslavo
Nem belga, nem mameluco
Não saca Platão, nem Plutarco
Não saca que um cafuzo
Mestiço não é mulato
Que apito toca o Caruso
Que apito toca Bach
Não saca sueco, luso
Egípcio, tchecoslovaco
Kafka, Freud, Confúcio
Não saca que russo é cossaco*

(Disponível em: <http://letras.mus.br/itamar-assumpcao/272395/>)

O trabalho que realizamos até o presente momento permitiu a elaboração interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional, que definimos a seguir.

“Pura Mistura”

“Pura Mistura” é um campo de sentido afetivo-emocional que se organiza ao redor da crença de que o negro brasileiro se constitui a partir da pluralidade racial e cultural.

“Culturalmente Confuso”

“Culturalmente confuso” é um campo de sentido afetivo-emocional que se define pela crença de que o brasileiro desconhece sua própria condição cultural.

Ressaltamos que, neste momento, ainda estamos no processo de criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocional, e que os achados citados acima são provisórios. Contudo, já consideramos ser potencialmente relevante o fato de detectarmos condutas expressas nas letras das músicas que se alinham a uma ideia de que não há “pureza” em raça alguma, mas sim, miscigenação, não apenas genética, mas também cultural. Pensamos, ainda, que o segundo campo tem um tom de denúncia em relação à ignorância do próprio povo brasileiro que desconhece a diversidade e riqueza cultural do meio em que vive, optando, muitas vezes de modo inconsciente, por supervalorizar o que é estrangeiro, como exemplifica um campo no qual estamos trabalhando referente à música *Ir pra Berlim*, em detrimento da cultura brasileira. Consideramos tal postura compatível com os achados de Fanon (2008), quando descreve o “complexo de inferioridade”, típico de povos colonizados, que se submetem à dominação, passando a negar seus próprios valores culturais. Este movimento submisso acarretaria, a seu ver, sérios conflitos existenciais e psicológicos, tais como a despersonalização e invisibilização das subjetividades negras (Fanon, 2008).

Referências Bibliográficas

- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a Loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre Docência. São Paulo, Universidade de São Paulo. Disponível em www.teses.usp.br
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. e Machado, M.C.L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In Josette Monzani e Luiz R Monzani (orgs) *Olhar: Fabio Herrmann - Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH- UFSCar, 311-324.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Tachibana, M.; Pontes, M.L.S.; Montezi, A.V. (2008a). O mundo marcado: imaginário coletivo de jovens sobre a adolescência contemporânea. *Anais da Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*. Campinas, PUC-Campinas, 436-44.

- Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Tachibana, M.; Pontes, M.L.S.; e Busnardo, J.O.M. (2008b). De castigo e de mãos beijadas: o imaginário de adolescentes sobre seus pais. *Anais da Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*. Campinas, PUC-Campinas, 443-449.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Tachibana, M.; Pontes, M.L.S.; Barcelos, T.F. (2008c). Desastre na vida sexual: o imaginário coletivo de adolescentes sobre gravidez na adolescência. *Anais da Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*. Campinas, PUC-Campinas, 450-457.
- Alencastro, L.F. (2010) *O Trato dos Viventes – Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo. Editora Schwarcz.
- Andrews, G.R.(1997) Democracia Racial Brasileira 1900 – 1990: um Contraponto Americano. *Estudos Avançados* 11 (30), 96 - 115.
- Arós, A.C.S.P.C. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais na sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (2), 3-16.
- Ávila, C.F.; Tachibana, M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o Lugar do Aluno com Deficiência? *Paidéia*, 18 (39), 155-164.
- Barcelos, T.F.; Tachibana, M.; Aiello-Vaisberg, T.M.J.(2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática*, 12(1), 85- 96.
- Barreto, M.A.M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 310- 329.
- Barreto, M.A.M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia e Sociedade*, 19 (1),107-114.
- Bleger, J. (1958) *Psicoanálisis y dialectica materialista*. Buenos Aires, Nueva Vision, edição de 2003.
- Bleger, J. (1963) *Psicologia de la Conduta*. Buenos Aires, Paidós, edição de 2007.
- Corbett, E. ; Aiello-Fernandes, R. ; Figueiredo, P. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). Jean Charles e o preconceito contra imigrantes: considerações psicanalíticas preliminares. *Anais da X Jornada Apoiar: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social 20 anos - o percurso e o futuro*. São Paulo: IP/USP 1, 266- 271.

- Couto, T.H.A.M., Tachibana, M., Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). A Mãe, o Filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, 17 (37), 265-272.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator. Original publicado em 1952
- Fialho, A. A.; Aiello-Fernandes, R.; Montezi, A.V. e Aiello-Vaisberg T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. IN *Primeiro Congresso Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*. Proceedings Scielo Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso><http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci>.
- Figueiredo, P. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). “Em caso de dúvida, atire”: imaginário coletivo sobre adolescência e juventude em produções cinematográficas brasileiras. Campinas, PUC-Campinas *Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica*. Disponível em: http://www.puccampinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2012821_183749_323823635_resris.pdf
- Figueiredo, P. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013a) Abordagem Psicanalítica de Imaginários Coletivos sobre (DES) Esperança em Canções da Música Popular Brasileira: CHICO BUARQUE. In: *XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 2013, Campinas. Anais-XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação*. Campinas: PUC-Campinas, 1.
- Figueiredo, P. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013b) Abordagem Psicanalítica de Imaginários Coletivos sobre (DES) Esperança em Canções da Música Popular Brasileira: RENATO RUSSO. In: *XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 2013, Campinas. Anais do XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação*. Campinas: PUC-Campinas, 1.
- Freyre, G. (2006). *Casa Grande e Senzala – Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal*. Recife. Global Editora. Original de 1933.
- Granato, T.M.M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013) Narrativas interativas sobre o cuidado

- materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25 (1), 17-36.
- Greenberg, J.; Mitchell, S.A. (1984) *Object relations in psychoanalytic theory*. Cambridge, Harvard University Press.
- Guimarães, A.S.A (2004). Preconceito de Cor e Racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 47, 9-43.
- Herrmann, F. (1979). *O Método da Psicanálise*. Editora Brasiliense. São Paulo.
- Hofsbauer, A. (2003). O Conceito de “Raça” e o Ideário Do Branqueamento no Século XIX – Bases Ideológicas do Racismo Brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, 63 -110.
- Leao, T. S. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. (2013). Abordagem Psicanalítica de Imaginários Coletivos sobre (DES) Esperança em Canções da Música Popular Brasileira: CAZUZA. In: *XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 2013, Campinas. Anais-XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. Campinas: PUC-Campinas, 1.*
- Montezi, A.V.; Zia, K.P.; Tachibana, M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). O imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305
- Montezi, A.V.; Barcelos, T.F., Cia, W.C. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). “Ser e Fazer” 20 Anos: Uma Revisão Bibliográfica. *Anais da X Jornada Apoiar/USP*, 34-55.
- Montezi, A.V., Barcelos, T.F., Ambrosio, F.F. e Aiello-Vaisberg, T. M.J. (2013). Imaginário social sobre adolescência no cinema brasileiro. *Psicologia em Revista*.
- Montezi, A. V., Barcelos, T.; Ambrósio, F. F. e Aiello-Vaisberg, T.M.J.. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19(1), 74-88. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000100007&lng=pt&tlng=pt. DOI-10.5752/P.1678-9563.2013v19n1p74.
- Martins, P. C. R. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e imaginário coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31, (2), 19-35.
- Martins, P.C.R. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). “Será que ele é?” Imaginário

coletivos sobre homossexualidade. *Perspectiva* (Erexim), 33, 43-52.

Oliveira, A.C.S. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Abordagem Psicanalítica de Imaginários Coletivos sobre (DES) Esperança em Canções da Música Popular Brasileira: Adoniran Barbosa. In: *XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 2013, Campinas. Anais do XVIII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. Campinas: PUC-Campinas, 1.*

Politzer, G. (1928). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. Editorial Unimep, edição de 2004.

Pontes, M.L.S.; Barcelos, T.F.; Tachibana, M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 85-96.

Pontes, M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13,(3), 495-502.

Pontes, M.L.S. (2011). *“A hora h”: o imaginário de profissionais de saúde sobre a adolescência*. Campinas, PUC-Campinas, Dissertação de Mestrado.

Russo, R.C.,T.; Couto, T.H.A.M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia e Sociedade*, 21(2), 250-255.

Schwarcz, L. M. (1994). *Espetáculo da Miscigenação*. *Estudos Avançados* 8(20), 137 – 152.

Skidmore, T.E. (1991). Fato e Mito: Descobrendo um Problema Racial no Brasil. *Cadernos de Pesquisas*. São Paulo, 79, 5-16.

Winnicott, D.W. (1965) *The maturational processes and the facilitating environment*. London, Karnac, 1984.